

A MANIFESTAÇÃO DE VALORES NA PAIDEIA GREGA: UMA ANÁLISE DO PAPEL FORMATIVO DE HOMERO

THE MANIFESTATION OF VALUES IN THE GREEK PAIDEIA: AN ANALYSIS OF THE FORMATIVE ROLE OF HOMER

CAMILA SOUZA ORSI REZENDE

Resumo: O retorno ao passado é necessário para compreender o presente, suas potencialidades e as suas deficiências. No caso da educação, os gregos sempre despontaram como expoente para o Ocidente, que acabou por adotar grande parte das suas práticas e razões acerca do ato de educar. Este artigo pretende explorar uma característica basilar da formação grega da Antiguidade: a existência de valores e ideais morais comuns na literatura homérica e como estes valores eram refletidos na *Paideia* grega.

Palavras-chave: Educação grega. *Paideia*. Homero. Moralidade.

Abstract: The return to the past is necessary to comprehend the present, its potentialities and its deficiencies. Regarding education, the Greeks always emerged as the exponent to the Western World, which adopted a large part of their practices and reasons regarding the act of educating. This article intends to explore an elementary characteristic of Greek education: the existence of values and common moral ideals in the homeric literature and how these values were reflected in the Greek *Paideia*.

Keywords: Greek education. *Paideia*. Homer. Morality.

INTRODUÇÃO

Uma das peculiaridades da espécie humana é a capacidade de transmitir e conservar a sua essencialidade por meio de suas práticas e manifestações de vida, ou seja, por meio de sua cultura. Huizinga (2017), defende que uma das características condicionantes para que se possa existir cultura é a prática do domínio sobre a natureza: domínio este que abrange tanto o ambiente, o meio, quanto a própria natureza humana.

O domínio sobre o meio em que está inserido confere ao homem o predicado de *homo faber*¹, ou seja, aquele manipula o seu meio para conseguir ferramentas necessárias à manutenção da vida. Já o domínio sobre a própria natureza, o que aliás configura-se como uma das outras singularidades da espécie humana, faz com que o homem possa encontrar “formas

¹ Cf. o capítulo IV: condições básicas da cultura, de “*Nas sombras do amanhã: um diagnóstico espiritual de nosso tempo*” (2017), onde Huizinga dissecar o conceito de cultura e explora as colunas de sustentação para que se possa, verdadeiramente, existir uma cultura. Cf., também, o artigo “*O homo faber, de usuário de ferramentas a objeto tecnológico*”, de Jelson Roberto de Oliveira onde o autor analisa a dimensão técnica-antropológica do termo. Para Oliveira (2016), o *homo faber* é o homem da técnica, ou seja, é aquele que consegue, por intermédio de seu próprio meio e com auxílio de ferramentas criadas por ele mesmo, estipular e planejar meios de alcançar o fim almejado: seja a sua própria sobrevivência ou até mesmo um produto artístico.

melhores de existência humana”, como defende Jaeger (2013, p.1). O reconhecimento dessa possibilidade de melhora em relação à própria natureza explica a inclinação do homem à educação que, essencialmente, tem o objetivo de conduzir o ser humano ao estado de perfectibilidade inerente à sua condição.

Apesar de fazer parte das sociedades desde tempos remotos, a prática da educação não estava, necessariamente, atrelada ao domínio da natureza humana em si.² Ao retornar à Grécia Antiga, torna-se perceptível que a diferença entre aquela civilização e as demais reside no fato de que, pela primeira vez na história, a educação passou a estar ligada à “formação de um elevado tipo de Homem” (JAEGER, 2013, p. 5). A partir desse momento, a visão da educação como ferramenta de aperfeiçoamento do homem passou a estar presente na história humana de diversas formas e variações.

Uma breve análise acerca da natureza da educação nos faz abstrair uma de suas características basilares: a de ser algo pertencente, essencialmente, ao coletivo. A própria etimologia do termo “educação” nos conduz a esse raciocínio: tendo a sua origem no vocábulo latino *educare* que, por sua vez, é composto pelo prefixo *e* e pelo verbo *duco, is, ere* (conduzir), a educação conota a ideia de “conduzir para fora”. Ou seja, as perfeições antes adormecidas de forma potencial e latente são externalizadas, tornando-se atuais e manifestas no indivíduo. Pela educação, o homem também é conduzido para fora de si, revelando, na educação, um caráter essencialmente social.

Em *Paideia*, Jaeger (2013, p.2) explora a essência social da educação e defende que:

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. À estabilidade das normas válidas corresponde a solidez dos fundamentos da educação.

O autor, portanto, atribui à saúde de uma sociedade a solidez de valores que são transmitidos e ensinados por meio do processo educacional que envolve os indivíduos da sociedade em questão. Esses valores, acordados e aceitos por meio da linguagem coletiva de cada comunidade, são responsáveis pela saúde da estrutura social. Tais princípios, suscetíveis

² Segundo Henri-Irénée Marrou, em *A História Educação na Antiguidade (2017)*, a educação estava ligada aos nobres guerreiros e, posteriormente, aos escrivães. Com o advento da escrita, a educação passa a ser atribuída àqueles que possuem o privilégio de redigir. Porém, também existiam sociedades que embasaram o seu sistema educacional em motivações de caráter militar, onde o desenvolvimento físico era priorizado em detrimento do desenvolvimento da inteligência.

às mudanças históricas de cada período, são transmitidos por meio de imagens universais, ou seja, arquétipos, termo este que foi explorado pelo psiquiatra suíço Carl Jung, que investiga essa temática em sua obra “Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo” (2000). Jung investiga, logo no primeiro capítulo, a natureza dos arquétipos na consciência humana, esboçando a ideia do “inconsciente coletivo”, tida como uma profunda camada psíquica pertencente à consciência geral de todos os indivíduos, e que seria composta justamente pelos arquétipos.

Essas imagens, que podem encontrar sua forma de expressão nos mitos, são ricamente carregadas do conhecimento adquirido pela experiência humana, que é irradiado e dilatado através do espaço e do tempo. Segundo Jaeger (2013, p. 22), o processo de formação “não é possível sem se oferecer ao espírito uma imagem do homem tal como ele deve ser”.

Ainda, conforme Jaeger (2013), as normas e valores aceitos comunitariamente como ideais a serem almejados pela sociedade são expressos no decorrer da história por meio da expressão artística de cada período. Desta forma, o homem sempre conseguiu eternizar, por meio da linguagem artística, as suas volições, pensamentos e emoções. O povo grego que, em sua essência, sempre se manifestou como um povo artístico, eternizou a sua história, os seus valores e os seus feitos por meio do teatro, da escultura, da filosofia e, especialmente, por meio da poesia.

A MANIFESTAÇÃO DE VALORES MORAIS NA PAIDEIA³ (παιδεία)

Através dos poemas épicos *Iliada* e *Odisseia*, Homero, tido como o “educador da Grécia” por Platão⁴, pôde eternizar poeticamente o ideal do Homem grego⁵. Marrou (2017) defende que, antes de enxergarmos os poemas como obras-primas literárias, precisamos vê-los como legítimos manuais éticos para a sociedade grega daquele período.⁶ Frutos de uma tradição oral,

³ Apesar dos registros do termo *Paideia* datarem somente do século V a.C, a palavra é utilizada para tratar da formação integral do homem grego e de sua forma definitiva que, posteriormente, foi tida como clássica. O helenista Werner Jaeger, em sua obra *Paideia* (2013), defende que nenhum outro termo poderia ser utilizado para substituir *παιδεία*, pois a palavra de origem grega condensa perfeitamente tudo aquilo que a formação dos povos da Hélade significa: o reconhecimento da necessidade de uma formação integral humana que o contemple como uma unidade e que molde tanto o seu comportamento exterior quanto a sua atitude interior.

⁴ *A República*, X. 660e.

⁵ O ideal visado nos poemas homéricos e na própria educação grega até o século VII a.C era majoritariamente de caráter militar, envolvia e restringia-se à nobreza da sociedade. Contudo, ao acompanhar a evolução da história política ateniense, a educação também passou por um processo de democratização: “Atenas (...) tornou-se uma verdadeira democracia: seu povo conquistou, por extensão gradual, não só os privilégios, direitos e poderes políticos, mas ainda o acesso a este tipo de vida, de cultura, a este ideal” (MARROU, 2017, p.70).

⁶ É importante destacar que os poemas homéricos possuem duas dimensões: fictícia e histórica. Apesar de reconhecermos o universo simbólico e moral da obra, não podemos negar que “a ficção não exclui a história” (JONES, 2003, p. 24), portanto podemos utilizar ambas narrativas para entender os reflexos da sociedade da Hélade daquele período, pois segundo Jones (2003), a ficção sempre geralmente evoca traços da realidade, e a realidade, nos poemas homéricos, é muito relevante.

sabe-se que a partir do século VI a.C já haviam esforços para a produção de uma versão escrita de ambos os poemas e que, desde tal momento “a influência de Homero era tal que seus textos passaram a ser copiados e recopiados para fins educacionais e de fruição de todos os períodos greco-romanos” (JONES, 2003, p.44)⁷.

Apesar da existência de outras epopeias⁸, originadas no seio de diversas outras culturas no decorrer da história, a *Ilíada* e a *Odisseia* são consideradas predominantes em relação às demais, justamente devido à universalidade e à perenidade de seu conteúdo. Ambos os poemas, apesar de estarem condicionados a um recorte específico da história do homem, “não nos dão um fragmento qualquer da realidade; nos dão um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado” (JAEGER, 2013, p. 62). Essa característica encarnada nos poemas homéricos nos faz compreender a atemporalidade da poesia grega, que não é condicionada por obstáculos temporais já que atinge as camadas mais profundas da existência e do drama humano. No fim, a literatura homérica nos faz compreender, em níveis analógicos, um pouco mais sobre toda a odisseia humana.

Contudo, algo necessário a se considerar quando tratamos de possíveis visões do que era considerado ideal para uma civilização remota a nossa, é que a perspectiva destes povos não tinha como base as mesmas estruturas mentais que o pensamento ocidental tem em sua constituição. Para uma mentalidade imbuída do pensamento cristão, o ideal de Homem almejado por um grego pode parecer, minimamente, estranho e complexo. A virtude deixa de ser virtude, e o que era tido como vício passa a ser condição necessária para alcançar o objetivo desejado: o reconhecimento de sua honra e superioridade. Marrou (2017, p.46) exemplifica essa divergência entre as duas mentalidades:

Sim, uma ética da honra, por vezes bastante estranha para uma alma cristã; implica na aceitação do orgulho (*μεγαλοψυχία*)⁹, que não é um vício, mas o desejo elevado de quem aspira a ser grande, ou, no herói, a tomada de consciência de sua superioridade real; a aceitação da rivalidade, da inveja, esta nobre “*Ἐρις*”¹⁰, inspiradora de grandes ações que Hesíodo celebrará¹¹, e com ela, do ódio, como o reconhecimento de uma superioridade manifestada: vêde como Tucídides faz Péricles falar¹²: “O ódio e a hostilidade são sempre o que atraem, de imediato,

⁷ Cf. introdução de Peter Jones para a *Ilíada*, de Homero (2003), publicada pela Penguin Classics Companhia das Letras.

⁸ Podemos citar, como exemplo, a Epopeia de Gilgamesh, originada no seio do povo mesopotâmico e Beowulf, a saga heróica medieval gerada pelos povos do norte europeu.

⁹ O termo traduz-se como “magnanimity”, “greatness of the soul”, ou seja, magnanimidade, grandeza da alma.

¹⁰ Invocação de Éris: a deusa que personifica a discórdia na mitologia grega.

¹¹ Hesíodo, *Os trabalhos e os Dias*, 17 s.

¹² Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, II, 64.

aqueles que pretendem comandar os outros. Mas expor-se ao ódio por um fim nobre é bem inspirado!”

Exposto esse complexo ideal que os gregos possuíam, podemos entender como Aquiles, o herói homérico, encarna essa idealização para o Homem daquela época. A obstinação na busca pela glória, regada pelo orgulho e pelo reconhecimento da honra que lhe era devida, torna a sede de Aquiles pela honra insaciável. O coração terrestre do grego o impelia, conseqüentemente, a depositar toda a sua esperança nos anos vividos, que deveriam ser anos gloriosos, preenchidos por conquistas materiais e vitórias militares.

Inicialmente, todo este ideal teve a sua materialização no termo *ἀρετή* (areté). Jaeger (2013), ao tratar da importância do termo, defende que antes mesmo de *παιδεία* (paideia), a palavra areté teve um papel fundamental na tradição oral para designar aquele tipo ideal cavaleiresco¹³, traço que reflete a predominante cultura cavaleiresca grega antes do século V a.C que era “privilegio de uma aristocracia de guerreiros” (MARROU, 2017, p. 36). Ainda, segundo Marrou (2017), o triunfo dessa predominância se expressa nos próprios heróis homéricos que eram verdadeiros cavaleiros, educados intencionalmente com este fim em vista.

Aquiles, o herói da *Ilíada*, apesar de sua personalidade complexa e, por vezes, incompreensível se vista através da ótica moral cristã, materializa este ideal de perfeição almejado por este povo. Durante o épico homérico, o caráter do protagonista Aquiles é exposto aos leitores e durante a narração de sua ira ao longo dos 24 cantos do poema, podemos compreender a personalidade do personagem que sempre foi tido como o ideal de herói¹⁴. O personagem, conhecido por sua ira, é uma verdadeira materialização daquilo que conhecemos por obstinação: “O problema que Aquiles enfrenta é o de estar fadado a ter uma vida breve e, portanto, saber que dispõe de pouco tempo para conquistar a fama eterna¹⁵.” (JONES, 2003, p.

¹³ Neste ponto, torna-se de extrema importância pontuar que o ideal moral comum aos gregos nunca foi estático e que, inicialmente, este ideal estava ligado especialmente a uma classe social, no caso, a nobreza. Este ideal priorizava e se limitava a qualificar a possível excelência humana entre os guerreiros da época. Jaeger (2013, p. 25), ao buscar uma razão para esta lógica na própria História afirma: “Era natural que, na idade guerreira das grandes migrações, o valor do homem fosse apreciado sobretudo por aquelas qualidades (refere-se aqui à saúde e vigor do corpo, que constituíam a areté do corpo, e sagacidade e penetração, componentes da areté do espírito), caso análogo aos que outros povos nos oferecem”.

¹⁴ Esse ideal heróico é imortalizado pelo poeta que canta os feitos do tal ideal. O desejo de imitação dos traços do herói era tão forte e arrebatadora que, segundo Marrou (2017, p.47), o próprio Alexandre (O Grande) sonhava ser um novo Aquiles: “‘quantos gregos aprenderam como ele, em Homero, ‘a subestimar uma vida longa e sem brilho por uma glória breve’, mas heróica!’”.

¹⁵ Esta ambição traduz-se no termo grego *κλέος* (kleos), que designa a fama além da morte, desejo supremo do herói, e que seria alcançada por meio de vitórias e recompensas materiais, além do reconhecimento de sua superioridade entre os demais.

14), portanto, Aquiles luta contra o tempo e busca, no tempo que lhe resta, meios para alcançar a glória e a honra que era tão cara¹⁶.

A marcante personalidade do Pelida, assim como toda a abrangência histórica, poética e mitológica, foram, durante séculos, a base da pedagogia grega e da própria erudição almejada pelos intelectuais e figuras relevantes durante os séculos:

É fácil acumular provas nesse sentido: lembremo-nos de Alexandre, o Grande, levando consigo, quando em campanha, sua *Ilíada*, conservada com religioso cuidado; ou das cidades perdidas nos confins do mundo grego, como Marselha, Sínope, cidades de Chipre, que, para afirmar sua fidelidade ao patrimônio helênico diante dos bárbaros ou entre êles, executam edições particulares da *Ilíada*. Homero domina toda a cultura grega por tanto tempo quanto sua tradição se perpetua: é o que nos mostrará, de maneira incontestada, o exemplo da Idade Média bizantina, à qual devemos, não o esqueçamos, a conservação de toda a contribuição da erudição homérica da Antiguidade. (MARROU, 2017, p. 276).

Mesmo com a democratização e expansão desse ideal à toda sociedade, essa hegemonia homérica, apesar de ter vigorado durante séculos, foi atenuando-se no seio da civilização Ocidental que, já nos primeiros séculos depois de Cristo, passaram a tomar a obra de Homero apenas no sentido literal e técnico¹⁷. Apesar dessa atenuação nos séculos seguintes ao seu ápice, a educação clássica sempre teve Homero como o seu norte. Nas escolas primárias, por exemplo, as crianças já possuíam contato com os épicos homéricos e sabê-los de cor era sinônimo de orgulho (Marrou, 2017, p.277).

A poesia, por meio do canto (que aliás, era o meio pelo qual a tradição oral ganhava forma), era tida como veículo doutrinário por onde a cultura local, a tradição daquele povo ganhava vida e pôde perpassar os séculos: foi assim que a *Ilíada* e a *Odisseia* sobreviveram antes de serem transcritas. O aspecto artístico da manifestação grega sempre foi uma marca característica em sua história e, na educação, esta característica sempre esteve ligada com a ética e com a “figura espiritual” (Jaeger, 2013, p.61) que eles gostariam de manifestar.

Jaeger (2013, p.62), ao tratar da relação entre arte e educação defende:

Mas só pode ser propriamente educativa uma poesia cujas raízes mergulhem nas camadas mais profundas do ser humano e na qual viva um *éthos*, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar uma obrigação e um dever. A poesia grega nas suas formas mais elevadas não nos dá apenas um fragmento

¹⁶ Sobre o fado de Aquiles: “Este herói era filho de Tétis (...). Tétis era ela própria uma das imortais, uma ninfa do mar, e sabia que seu filho estava destinado a morrer diante de Tróia se participasse da expedição, pelo que tratou de evitar que ele fosse.” (Bulfinch, 2006, p. 208)

¹⁷ Cf. o capítulo VII: Os estudos literários secundários, contido na segunda parte de “A História da Educação na Antiguidade” de Henri-Irénée Marrou (2017) onde o autor elucida o protagonismo homérico na educação helênica.

qualquer da realidade; ela nos dá um trecho da existência, escolhido e considerado em relação a um ideal determinado.

Portanto, podemos entender como a poesia grega firmou-se na história e rompeu com as barreiras temporais que poderiam a inibir. A essência do Homem, de fato, é única e independente do tempo. E os valores, tão essenciais para a sociedade humana, encontram uma legítima manifestação por meio da expressão artística de cada período.

Na educação grega, a arte manifestou-se como um dos pilares da formação humana¹⁸: formação esta que, contemplando o Homem em sua forma integral, visa englobar as suas duas dimensões: “corpo e alma, sensibilidade e razão, caráter e espírito” (MARROU, 2017, p.364).

Essa formação, portanto, não se limita aos anos escolares, mas perpetua-se por toda a vida: este ideal passa a ser conhecido no termo *καλοκαγαθία* (kalokagathia) que passou a designar um novo modelo de educação: “Os antigos gregos possuíam um ideal de virtude denominado kalokagathia, palavra oriunda da junção dos termos kalós (belo) kai (e) e agathós (bom), qualidades de um *kalokagathos*, homem bom e belo tanto física quanto moralmente” (DE SOUSA, 2013).

Já com o advento das teorias filosóficas, a moralidade dos poemas homéricos foi, de certa forma, adaptada e revestida de outras interpretações, como explica Jaeger (2013, p. 31):

O pensamento ético de Platão e Aristóteles baseia-se, em muitos pontos, na ética aristocrática da Grécia arcaica. (...) O pensamento do século IV é naturalmente mais diferenciado que o dos tempos homéricos, e não podemos alimentar a esperança de encontrar as suas ideias, nem equivalentes exatos delas, em Homero ou na epopéia. Mas Aristóteles, como os gregos de todos os tempos, tem muitas vezes os olhos postos em Homero e elabora os seus conceitos de acordo com esse modelo.

ULISSES E A PHRÓNESIS DE ARISTÓTELES

Além do estudo formal e estético da poesia, também existia o estudo de ordem moral, atribuído aos gramáticos. Esse “alcance moral do estudo”, expressão utilizada por Marrou (2017, 286), era regado pela tradição que remonta das epopeias de Homero e das poesias de Hesíodo, por exemplo. Os estudiosos empenharam-se em encontrar aqueles tipos ideais de perfeição humana, aqueles que teriam, ainda em vida, materializado o conceito de *ἀρετή* (areté) tão almejado pelos Homens da *pólis*¹⁹.

¹⁸ Acerca do caráter artístico desta educação, Marrou (2017, p.365) afirma: “(...) a educação helenística não consente em renunciar à sua faceta artística; procura mesmo refletir os progressos de uma cultura cada vez mais diferenciada, anexando uma iniciação às artes plásticas ao programa tradicional da educação musical, herança da época homérica.”

¹⁹ Cf. o capítulo “*Hesíodo e a vida do campo*” de Paidéia (JAEGER, 2013) onde o autor expõe minuciosamente o contraste existente entre a moralidade campesina e a moralidade das *pólis* que, apesar de possuírem os mesmos

A exegese moral dos épicos, afinal, busca interpretá-los de maneira alegórica a fim de descortinar um possível sentido moralizante daquele texto por intermédio de uma análise moral, seja dos próprios personagens, dos mitos ou até mesmo das estruturas narrativas utilizadas pelo poeta, como Marrou (2017, p. 287) evidencia ao tratar do caráter de Ulisses:

Ulisses, símbolo do sábio, ensina-nos, por exemplo, escapando às Sereias, a fugir das tentações, carnavais ou espirituais... Isso ensejava algumas puerilidades: qualquer que fosse o número dos versos de feição gnômica que encerravam os clássicos e que propagavam talvez interpolações bem intencionadas, muitas coisas, no divino Homero, melindravam o aguçado senso moral dos “modernos”. De qualquer modo, sempre se conseguia fazê-lo estigmatizar o vício, punir a impiedade, recompensar a virtude.

Na Odisseia, um dos trechos com alto teor alegórico moralizante onde podemos prefigurar a dualidade entre vício e virtude utiliza-se da imagem sereias para advertir acerca dos perigos que rondavam estas figuras míticas:

Quem delas se acercar, insciente, e ouvir a voz das Sereias, ao lado desse homem nunca a mulher e os filhos estarão para se regozijarem com o seu regresso; mas as Sereias o enfeitam com seu límpido canto, sentadas num prado, e à sua volta estão amontoadas ossadas de homens decompostos e suas peles marcescentes. Prossegue caminho, pondo nos ouvidos dos companheiros cera doce, para que nenhum deles as ouça. (XII. 39-48).

A metáfora acerca do canto das sereias e a advertência feita por Ulisses aos seus companheiros nos faz encontrar a *phrónesis*, de Aristóteles²⁰, tida como a sabedoria prática²¹: a sabedoria que se dirige às ações concretas e o prudente agir diante destas. A vontade, naturalmente, dirigida ao bem, encontra-se na sabedoria prática que posiciona-se corretamente diante as diversas situações: “Parece certo que seja próprio do sábio (prudente) poder deliberar retamente daquelas coisas que são boas e convenientes” (ARISTÓTELES, 2015, p. 84). Desta forma, as palavras do filósofo, segundo as quais será prudente aquele que delibera buscando o que é bom para si e para os outros, podem ser facilmente aplicadas a Ulisses, o rei de Ítaca, que, durante toda a Odisséia, usou a sua inteligência e astúcia para que ele mesmo e os seus companheiros voltassem para casa:

Logo, resta que (a *phrónesis*) seja um hábito prático com verdadeira razão, sobre aquilo que para o homem são os bens e os males. Pois que o fim no produzir é diverso do produzir mesmo; mas no agir, não; aqui o fim é a própria perfeição no

escopos originários, expressavam nuances diferentes a depender da região. A poesia de Hesíodo revelava-se como a segunda fonte de cultura, segundo Jaeger (2011).

²⁰ A exposição de Aristóteles sobre essa questão concentra-se no livro VI da Ética a Nicômaco.

²¹ O termo também é comumente traduzido por “prudência”

agir. Por isso, consideramos sábio Péricles e os homens que se lhe assemelham, porque sabem ver que coisas são boas para si e para os outros; e tais achamos que devam ser aqueles que estão no governo da família e da cidade. (ARISTÓTELES, 2015, p. 84).

CONCLUSÃO

A natureza humana, complexa em sua constituição, é exigente. Assemelhando-se a uma frondosa árvore, a alma humana necessita de tempo e espaço para crescer e alcançar o seu potencial. Estudar as raízes dessa árvore, as suas formas de alimentação e possíveis fontes de nutrição podem tornar o processo de crescimento ainda mais seguro e eficaz: dominar a sua natureza é a melhor forma, se não a única, de conduzi-la ao seu perfeito ideal.

A educação, em sua essência, busca organizar essa complexa constituição humana em sua melhor disposição, e a universalidade de seu objeto (o próprio ser humano) a permite compreender o que há de mais profundo em sua substância: por isso a educação e a filosofia andam de mãos dadas. A filosofia adentra a vasta floresta da natureza humana para que, posteriormente, a educação possa percorrê-la em segurança.

Os primeiros a adentrarem nesse caminho, inicialmente obscuro, foram os gregos, que, aos poucos, foram formulando a sua *Paideia*, que não deve ser entendida como um método ou como um sistema educacional pronto, mas como uma Ideia: a ideia do Homem. Homem este que não pode ser separado de sua temporalidade, pois vive em um espaço que é afetado pelas condições temporais, geográficas, políticas e sociais. Acontece que, a Ideia, semeada, inicialmente, por esta *Paideia* não visa um tipo específico de homem, mas encara-o em sua profunda identidade, naquilo que não pode ser afetado pelo tempo, apesar desta mesma *Paideia* ter se reajustado conforme as mudanças no universo da Hélade.

O intelecto humano carece de material para que os seus sentidos possam trabalhar e, ao buscar signos correspondentes às suas ideias, muitas vezes as palavras em seu sentido estrito não abrangem a profundidade do pensamento humano. Daí surgem as estruturas mentais criadas pelo homem para dar suporte ao seu pensamento, a sua comunicação. A poesia homérica, fruto dessa estruturação material de um complexo sistema de pensamento humano, é capaz de transmitir metaforicamente e artisticamente, ideias e conceitos de um povo que, apesar de viver remotamente ao tempo presente, transmitem os anseios de todo Homem, independentemente do tempo.

O Ocidente, enraizado na tradição greco-romana, mais do que nunca, encontra-se necessitado de retornar às suas raízes para retomar um caminho que parece ter perdido há um

tempo. Retomar o passado com os olhos do presente e buscar nele aquilo que pode reordenar o propósito que uma vez foi perdido: formar seres humanos para que estes possam encontrar neles aquilo que há de melhor em sua natureza.

Os gregos, ao reconhecerem a necessidade de aperfeiçoamento de suas potências, formularam diversos conceitos e visões do que era tido como o ideal: passamos pela *ἀρετή* (areté), conceito que materializa o ideal cavaleiresco do guerreiro grego que teve seu maior exemplo em Aquiles, o protagonista da *Ilíada* de Homero; também perscrutamos, brevemente, o *κλέος* (kleos), o conceito que encarnava o desejo pela honra pós-morte, assim como a *καλοκαγαθία* (kalokagathia), conceito originado posteriormente aos demais, que adaptou-se às mudanças ocorridas no mundo grego da Antiguidade, onde a vida migrou do campo para a pólis: centro da vida do homem político de Aristóteles. Nesse momento, a democracia já era uma realidade, mesmo que parcialmente, e todo o sistema educacional já era mais abrangente.

Após a pesquisa bibliográfica para o artigo, tornou-se perceptível o caráter artístico nato do homem grego que utiliza-se da expressão artística para eternizar os seus ideais e conceitos. Mesmo que essa intenção não fosse a inicial, podemos tomar a expressão artística daquele povo como ponto de referência para a compreensão de sua visão de mundo. Toda linguagem artística reflete traços da realidade que a origina e, com as epopeias homéricas não seria diferente: ela nos oferece um reflexo das ideias, do cenário político, social e histórico da sociedade grega na Idade do Bronze.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. A ética - textos selecionados. São Paulo: Edipro, 2015.

ARISTÓTELES, Política. [s.l.]: Vega, 1998.

BROMILEY, Geoffrey William. *Theological dictionary of the New Testament*. Wm. B. Eerdmans Publishing, 1964.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DE SOUSA, Luana Neres. O ideal de *kalokagathia* em Xenofonte: uma análise dos excessos. *Romanitas-Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 2, p. 231-245, 2013.

HERNANDES, Paulo Romualdo. Odisseu e o silêncio das sereias: da virtude guerreira à virtude política. *Leitura: Teoria & Prática*, n. 55, p. 61-67, 2010. DOI: <https://doi.org/10.17648/rom.v0i2.7419>. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/romanitas/article/view/7419>. Acesso em 25 de outubro de 2023.

HESÍODO. *Os trabalhos e os Dias*. Curitiba: Segesta Editora, 2012.

HOMERO. *Ilíada*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

_____. *Odisseia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HUIZINGA, Johan. *Nas sombras do amanhã: um diagnóstico espiritual de nosso tempo*. Goiânia: Editora & Livraria Caminhos, 2017.

JAEGER, Werner. *Paideia*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JONES, Peter. Introdução e prefácio para *Ilíada*, de Homero. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

JUNG, Carl. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000.

μεγαλοψυχία (MAGNANIMIDADE). In: Logeion. Disponível em: <<https://logeion.uchicago.edu/μεγαλοψυχία>>. Acesso em: 10 de Outubro de 2023.

MARROU, Henri-Irénée. *A História da Educação na Antiguidade*. Campinas, SP: Kíron, 2017.

MELO, J. J. P. *Ilíada e seus heróis: uma análise dos ideais formativos dos gregos. Cadernos de História da Educação, [S. l.], v. 22, n. Contínua, p. e175, 2023. DOI: 10.14393/che-v22-2023-175. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/68860>. Acesso em: 30 out. 2023.*

OLIVEIRA, J. R. de. O "homo faber", de usuário de ferramentas a objeto tecnológico. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, n. 59 v. 30, p. 331–351, 2016. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.30n59a2016-p331a351. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/26952>. Acesso em: 18 out. 2023.

PLATÃO. *A República*. Belém: EDUFPA, 2000.

SILVA, Carlos Florentino. A História da *Ilíada* e da Educação do Homem. *Revista Padê*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 112-122, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/pade/article/view/609> . Acesso em: 18 out. 2023.

VIEIRA, P. E. A gênese da educação grega: da areté homérica à Paideia clássica. *Filosofia e Educação, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 166–183, 2018. DOI: 10.20396/rfe.v10i1.8652004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8652004>. Acesso em: 30 out. 2023.*